

**O PORTUGUÊS DE CONTATO
NA ÁREA DO LIBOLO/ANGOLA
– ASPECTOS METODOLÓGICOS
DE UMA PESQUISA EM ANDAMENTO**

Raquel Azevedo da Silva (USP)
raquel.azevedo.silva@usp.br

RESUMO

Neste trabalho pretende-se apresentar o português de contato falado na área do Libolo/Angola (Kwanza Sul). Visamos apresentar aspectos metodológicos de pesquisa de Silva (2014), a qual prevê uma descrição e análise da categoria sintática *tópico* nesta variedade de português.

Palavras-chave:

Português de contato. Português do Libolo. Português falado na África.

1. Introdução

Este trabalho tem por objetivo apresentar o português de contato falado no Libolo/Angola (Kwanza Sul) – centrando-se em aspectos metodológicos de pesquisa de mestrado em andamento – Silva (2014). A pesquisadora Silva prevê uma descrição e análise da categoria sintática *tópico* nesta variedade de português.

A categoria *tópico* está amplamente descrita e analisada em variedades do português falado no Brasil – ver Berlink, Duarte & Oliveira (2009), entre outros – e no português falado em Portugal – ver Duarte (2013), entre outros; – no entanto, trabalhos centrados na chamada “periferia à esquerda” em variedades do português falado na África estão em fase inicial de investigação. No tocante ao português falado no Libolo, há pesquisa sobre a categoria *foco* – ver Figueiredo & Santos (2014) –, porém, estudos sobre a categoria *tópico* ainda não foram iniciados na área – embora se atestem pesquisas iniciais sobre ‘tópico’ no português de Angola. (SANTOS, 2011; CAMPOS & SANTOS, 2012)

Faz-se necessário destacar, ainda, que a pesquisa de Silva (2014) é um estudo sobre uma variedade de português que tem como substrato o quimbundo, uma língua africana do grupo banto. Assim, a pesquisa centrada em dados do português falado no Libolo visa tanto contribuir para ampliar o entendimento acerca de uma variedade de português falado na África, no tocante a um quesito gramatical em específico, a categoria *tópico*, quanto contribuir para alargar o co-

XIX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

nhecimento dessas construções em variedades do português em contato direto com uma língua banta.

Além desta introdução, este trabalho está dividido em 4 seções: na seção (1), apresentamos aspectos sócio-históricos e linguísticos do Libolo; na seção (2), introduzimos a metodologia utilizada para a construção de um *corpus* específico para a pesquisa de Silva (2014); na seção (3), apresentamos o português do Libolo e alguns dados de construção de tópico. Por fim, na seção (4), apresentamos as considerações finais do trabalho.

2. *Libolo – aspectos sócio-históricos e linguísticos*

Nesta seção, apresentamos ao leitor alguns aspectos de ordem sócio-histórica e linguística do município do Libolo, área em que se centra nosso estudo.

2.1. Aspectos sócio-históricos

O Libolo é um município localizado na província do Kuanza Sul, Angola, e é constituído por quatro comunas: Calulo, Munenga, Quissongo e Cabuta. O município ocupa uma área de 9000 km² e cerca de 2/3 de suas fronteiras são delimitadas pelos rios Kuanza (a norte), Longa (a sul) e Luinga (a leste), sendo, portanto, uma região rica em recursos hídricos naturais. O Libolo caracteriza-se ainda por ser uma região montanhosa e de altitude elevada, variando entre 1220 e 900 metros de altitude – para detalhes, ver Figueiredo & Oliveira (2013, p. 118-123).

Relatos históricos apontam que os portugueses chegaram pela primeira vez no atual território angolano em 1482, liderados por Diogo Cão, quando contornavam a costa ocidental da África em busca de escravos, metal e de um caminho para as Índias.

A expansão dos portugueses ocorreu, primeiramente, nas zonas litorâneas, sendo a penetração para o interior bastante limitada. Isso se deve também ao fato de terem sua atenção essencialmente voltada para o comércio de escravos, no qual Angola foi o principal abastecedor para as plantações de açúcar no Brasil. (FIGUEIREDO & OLIVEIRA, 2013, p. 116).

No século XIX, com a independência do Brasil, o fim do comércio de escravos e a pressão por parte de outras potências europeias, que

reclamavam sua parte na África, os portugueses traçaram um plano para a colonização efetiva do interior angolano através dos cursos fluviais. Por ser uma região montanhosa e interiorana, o Libolo foi uma das últimas regiões a serem ocupadas pelos portugueses, constituindo pontos estratégicos na resistência à ocupação dos colonos.

Em 1895 iniciam-se as primeiras revoltas no Libolo, lideradas pelo soba⁸ local e seus aliados, devido à prisão de alguns nativos por parte dos portugueses. Neste mesmo ano, foi criado um posto militar em Calulo, comuna sede do município, para conter revoltas, levando a um período de intensos confrontos. A pacificação da região ocorreu apenas em 1918 com a punição ou execução dos últimos sobas revoltosos. Com o fim dos conflitos, houve desenvolvimento do comércio, instalações agropecuárias e de extensos palmares e roças de café e sisal. (Cf. FIGUEIREDO & OLIVEIRA, 2013, p. 120)

No século XX, iniciam-se as movimentações em Angola pela independência, que irá resultar na eclosão da guerra colonial em 1961. A guerra colonial durou até 1975 quando, finalmente, Angola torna-se independente de Portugal. Logo após a libertação, inicia-se a disputa pelo poder entre os principais grupos que lutaram pela independência, o MPLA – Movimento Popular de Libertação de Angola –, a UNITA – União Nacional para a Independência Total de Angola – e o FNLA – Frente Nacional de Libertação de Angola. Dessa disputa, o MPLA sai vencedor e assume o poder. No entanto, dá-se início a uma guerra civil, em que a UNITA, ao lado da FLNA, irá lutar contra o MPLA – ver Hernandez (2008, p. 560-581), entre outros.

Neste período, o Libolo sofreu incursões por parte das tropas da UNITA. Por ser uma região próxima ao Bailundo, onde a UNITA instalou seu quartel general, as tropas deste movimento dominaram praticamente todo o município, chegando a ocupar Calulo, onde se instalaram as tropas do Governo. Os combates na região do Libolo foram bastante intensos, abalando toda a infraestrutura do município. (Cf. FIGUEIREDO, no prelo, seção 2.3).

Passados quase 30 anos, a guerra civil teve fim em 2002, após a morte do líder da UNITA e com o MPLA permanecendo no poder.

⁸ Os sobas são lideranças locais.

2.2. Aspectos linguísticos

No Libolo são faladas a língua portuguesa e a variante libolo do quimbundo, chamada de *ngoya* (ANGENOT et al., 2011), uma língua africana do grupo banto. O município, que possui cerca de 87 mil habitantes, em sua maioria falantes do quimbundo *ngoya* como língua materna – L1 –, e muitos são bilíngues em português e quimbundo. Por outro lado, parte substancial da população tem o português como L2 (língua não materna). (FIGUEIREDO & OLIVEIRA, 2013, p. 173)

O município do Libolo localiza-se na zona H20⁹ (GUTHRIE, 1948; LEWIS, SIMONS & FENNIG, 2015) e conflui com zonas de falantes que utilizam outras variantes de quimbundo (*kissama* e *kilala*), com áreas que utilizam o *songo* e ainda com áreas próximas aos *ovimbundo*, cujos falantes usam o *umbundo*. (FIGUEIREDO & OLIVEIRA, 2013, p. 118)

A variedade quimbundo falada no Libolo, como já mencionado anteriormente, chama-se *ngoya*, no entanto, estudos dialetológicos ainda não determinaram que variedade seja essa e ainda não é clara para os pesquisadores do “Projeto Libolo” (FIGUEIREDO & OLIVEIRA, 2013) a situação de contato entre o quimbundo *ngoya* e o português falado no Libolo, embora haja pesquisas em andamento nessa área de estudo. (Cf. ARAÚJO, 2013 e 2014).

3. Metodologia

O *corpus* da pesquisa de Silva (2014) sobre construções de tópico em português falado no Libolo é constituído a partir de dados de fala coletados no Libolo em 2013 pela equipe do “Projeto Libolo” e em 2011 por um de seus coordenadores. O grupo que esteve no município em julho de 2013 foi composto por pesquisadores das áreas de linguística, história, antropologia e educação, sendo que a equipe de linguística coletou dados nas quatro comunas do município (Calulo, Munenga, Calulo e Quissongo).

⁹ A classificação de Guthrie (1948), aprimorada em Guthrie (1953), toma por base três critérios geolinguísticos, a saber, traços comuns entre as línguas africanas, contiguidade espacial entre as mesmas e um máximo de nove línguas por grupo. As línguas são designadas pelas letras do alfabeto e subdivididas por dezenas.

Os dados coletados estão em fase de transcrição e seguem uma metodologia específica organizada para o “Projeto Libolo” que se vê em Bandeira *et al* (2014). Trata-se do que vem sendo referido como “Manual do Libolo”, que traz uma metodologia voltada para a transcrição e organização de dados de fala, e que foi construído a partir de um somatório de experiências e pesquisas com textos de fala dentro do Grupo de Estudos de Línguas em Contato (GELIC/USP)¹⁰ e dentro do próprio “Projeto Libolo” nos últimos dois anos.

As gravações realizadas em 2013 encontram-se, em parte, transcritas e revisadas. Em relação aos áudios gravados em 2011, há, no momento, cerca de 270 minutos transcritos e em fase de revisão. Trabalho que vem sendo realizado pela proponente deste trabalho em conjunto com outros pesquisadores.

A delimitação de sentenças que envolve constituintes deslocados à esquerda da sentença é feita a partir de uma leitura criteriosa do conteúdo das transcrições, visando à apreensão de dados com construções de *tópico*. Após delimitadas, essas sentenças serão numeradas e a cada uma delas será atribuído um código correspondente à transcrição de onde foi retirada, seguida da indicação da linha, de modo que seu contexto poderá ser localizado:

EXEMPLO

1. Luanda vou porque tenho lá meus dois irmão. (LSDO-1.5)

Assim, cada sentença está sendo tomada como um dado autônomo que, ao final, constituirá o *corpus específico* da pesquisa de Silva (2014). Cada dado está sendo descrito e analisado, de modo a se propor uma tipologia do *tópico* para o português falado no Libolo.

4. O português do Libolo e construções de tópico

Como apontamos na seção 1.2., no município do Libolo são faladas a língua portuguesa e o quimbundo *ngoya*. No entanto, quando se fala em língua portuguesa no Libolo, e em Angola de modo geral, é preciso ter em mente que não se está falando da mesma língua lusitana, mas sim, de um português que entrou em contato com outras línguas e que sofreu modificações que possivelmente a estejam transformando em uma variedade distinta daquela trazida pelos portugueses.

¹⁰ Sobre o GELIC, ver <<http://gelic.fflch.usp.br>>.

Estudos na área do Libolo apontam para especificidades no português falado na área que permitem que se reclame uma identidade própria a este como parte do português angolano – ver Figueiredo & Oliveira (2013, p. 175). Figueiredo & Oliveira (2013), partindo de dados reais de fala, procederam ao cotejo dos sistemas de pronominalização do português de Jurussaca – Pará, Brasil – e do português do município do Libolo, apontando, também, para a necessidade de novos olhares para se compreenderem as motivações que determinam a aproximação no uso de pronomes entre as duas regiões – sobretudo os clíticos – e, por extensão, entre Angola e Brasil. Em continuidade aos estudos desses autores (*op. cit.*), Figueiredo, Jorge & Oliveira (2015) dão início a uma investigação de perspectiva gerativista, em versões minimalistas (CHOMSKY, 2000, 2001, 2005, 2008), propondo que as diferenças entre as línguas seriam explicadas pela forma como os traços constituintes dos itens do léxico se apresentam.

Em relação às construções de tópico na variedade de português falada no Libolo, tema sobre o qual se centra a pesquisa de Silva (2014), seguem alguns dados:

- (1) Eh... *bolo de Berlim* eu faço com leite, *óvo*, açúcar, manteiga, água...
- (2) *Luanda* vou porque tenho lá meus dois irmão.

Sintaticamente, uma construção com tópico caracteriza-se pela extraposição de um termo para a periferia esquerda da sentença, o elemento topicalizado, seguido do restante do enunciado que funciona como um comentário. Em (1) observa-se uma topicalização de objeto direto, em que o objeto direto do verbo *fazer*, “bolo de Berlin”, foi deslocado para a periferia esquerda da sentença. Em (2) atesta-se uma construção de movimento de um sintagma preposicional, “Luanda”, sem a preposição, caracterizando a chamada topicalização selvagem, neste caso, assim como na topicalização, há o movimento de um elemento interno à sentença-comentário, no entanto, as propriedades de seleção do predador verbal do comentário não são respeitadas.

A topicalização selvagem é um tipo de construção amplamente atestado em variedades de português brasileiro. Araújo (2009), ao propor uma tipologia para o tópico no português afro-brasileiro da Bahia, atesta este tipo de construção em seus dados, conforme exemplificado em (3). Berlink, Duarte & Oliveira (2009), por sua vez, atestam esse tipo de construção no português brasileiro urbano, conforme exemplificado em (4):

(3) Ah, *lacraia* já fui mordido muitas vez. (RC-8)¹¹

(4) *Olinda*, ninguém mora [_]. Ninguém diz é lá que eu moro; não, diz é lá que eu pernoito¹².

Em português europeu, Duarte (2013) atesta dados de topicalização selvagem¹³:

(5) *Cenas dessas*, não precisamos –¹⁴

No entanto, a autora aponta que, em português europeu, construções como essa só ocorrem na fala e que só são toleradas quando a preposição suprimida não possui valor semântico. Deste modo, a supressão da preposição *de*, por exemplo, pode ocorrer com verbos como *gostar* e *precisar*, mas não com verbos como *partir* ou *vir*, em que a preposição exprime a origem do movimento.

Assim, a pesquisa de Silva (2009) pretende, ainda, a partir da descrição e análise de construções de tópico em português falado no Libolo, estabelecer cotejos entre estes tipos de construções em português falado no Libolo e no português falado no Brasil e em Portugal.

5. Considerações finais

Neste trabalho foram apresentados aspectos metodológicos da pesquisa de Silva (2014), a qual tem por objetivo descrever e analisar a categoria sintática *tópico* nesta variedade de português. Iniciamos o trabalho abordando alguns aspectos sócio-históricos e linguísticos do município do Libolo. Em seguida, apresentamos a metodologia utilizada para a construção de um *corpus* específico para a pesquisa de Silva (2014), que será constituído de dados coletados no Libolo em 2011 e 2013, e cuja transcrição e organização, conforme explicitado, seguiram o *Manual do Libolo*, que se vê em Bandeira *et al* (2014). Explicitou-se ainda, como está sendo feita a delimitação e organização dos dados após a transcrição.

A seção (3) foi dedicada ao português do Libolo. Foram apresentados alguns aspectos acerca desta variedade de português e alguns dados

¹¹ Araújo (2009, p. 242), dado (46), renumerado.

¹² Berlink, Duarte & Oliveira (2009, p. 157), dado (104)d, renumerado.

¹³ A autora chama este tipo de construção de “topicalização não canônica”

¹⁴ Duarte (2013, p. 421), dado (76)a, renumerado.

XIX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

de construção de tópico em português falado no Libolo e em português brasileiro e português europeu, a fim de apontarmos para o fato de que pesquisas como estas possibilitarem ainda o cotejo com outras variedades de português, como a brasileira e a europeia.

Por fim, vale salientar que o português falado no Libolo está ainda em fase inicial de investigação e que estudos como o proposto por Silva (2014) visam ampliar o entendimento acerca desta variedade de português, colocando em pauta discussões e análises sobre o português falado na África, já que a maior parte dos estudos sobre a língua portuguesa centra-se nas variedades do português brasileiro e do português europeu.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANGENOT, Jean-Pierre; MFUWA, Ndonga; RIBEIRO, Michaela Araújo. As classes nominais do kibala-ngya, um falar bantu de Angola não documentado, na intersecção dos grupos kimbumdu [H20] e umbundo [R10]. *PAPIA*, vol. 21, n. 2, p. 253-266, 2011.

ARAÚJO, Edivalda. As construções de tópico. In: LUCCHESI, Dante; BAXTER, Alan; RIBEIRO, Ilza. *O português afro-brasileiro*. Salvador: Edufba, 2009, p. 231-250.

ARAÚJO, Paulo Jeferson Pilar. *O português e o quimbundo [H20], Kuanza Sul, Angola – Avaliando modelos teóricos de línguas em contato*. Projeto de pesquisa de pós-doutorado. FFLCH-USP/FAPESP, 2013, [Digitado].

_____. Algumas considerações sobre línguas africanas e políticas linguísticas em Angola. *Web-Revista Sociodialeto*, vol. 5, p. 161-117, 2014. Disponível em:

<<http://www.sociodialeto.com.br/edicoes/18/08082014101805.pdf>>

BANDEIRA, Manuele et al. “Projeto Libolo” – organização e metodologia para transcrições dos dados. 2014, [Digitado].

BERLINK, Rosane; DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia; OLIVEIRA, Marilza. Predicação. In: KATO, Mary; NASCIMENTO, Milton do (Orgs.). *Gramática do português culto falado no Brasil*. Campinas: Unicamp, 2009, vol. III, p. 101-188.

CAMPOS, Ednalvo Apóstolo; SANTOS, Eduardo Ferreira dos. A categoria tópico: aproximação entre o português do Brasil e o português de Angola. *PAPIA*, vol. 23, n. 1, p. 129-140, 2012.

CHOMSKY, Noam. Minimalist inquiries: the framework. In: MARTIN, R. et al. (Eds.). *Step-by-step*. Essays on minimalist syntax in honor of Howard Lasnik. Cambridge, MA: The MIT Press, 2000, p. 89-155.

_____. Derivation by phase. In: KENSTOWICZ, M. (ed). *Ken Hale: A life in language*. Cambridge, MA: The MIT Press, 2001, p. 1-52.

Chomsky, Noam. *On phases*. Cambridge, MA: The MIT Press, 2005. Disponível em: <<http://www.fossil.in/Chomsky Phases.pdf>>. Acesso em: 12-04-2014.

_____. On phases. In: FREIDIN, R. et al. (Eds.). *Foundational issues in linguistic theory: essays in honor of Jean-Roger Vergnaud*. Cambridge, MA: The MIT Press, 2008, p. 133-166.

DUARTE, Maria Inês. Construções de topicalização. In: RAPOSO, Eduardo B. P. et al. (Orgs.). *Gramática do português*. Coimbra: Fundação Calouste Gulbenkian, 2013, vol. 1, p. 401-426.

FIGUEIREDO, Carlos Filipe Guimarães. *Aspectos histórico-culturais e sociolinguísticos do Libolo: aproximações com o Brasil*. Conferência inédita, no prelo.

_____. Retratos do Libolo. In: FIGUEIREDO, Carlos Filipe Guimarães; OLIVEIRA, Márcia Santos Duarte de (Orgs.). *Projeto Libolo: município do Libolo, Kwanza Sul, Angola: aspectos linguísticos-educacionais, histórico-culturais, antropológicos e socioidentitários*. Lisboa: Chiado, 2015, vol. 2.

_____; OLIVEIRA, Márcia Santos Duarte de. Português do Libolo, Angola, e português afro-indígena de Jurussaca, Brasil: cotejando os sistemas de pronominalização. *PAPIA*, vol. 23, n. 2, p. 105-185, 2013.

GALVES, Charlotte. Tópicos, sujeitos, pronomes e concordância no português brasileiro. *Caderno de Estudos Linguísticos*, Campinas, vol. 34, p. 19-31, 1998.

HERNANDEZ, Leila Leite. *A África na sala de aula: visita à história contemporânea*. São Paulo: Selo Negro, 2008.

OLIVEIRA, Márcia Santos Duarte de. *Análise sintática do português falado no Brasil*. Rio de Janeiro: Multifoco, 2010.

XIX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

SANTOS, Eduardo Ferreira dos. *A periferia esquerda da sentença no português de Angola*. 2010. Dissertação (de Mestrado). – FFLCH/USP, São Paulo.

_____. A categoria tópico no português de Angola. *Linha d'Água*, n. 24, p. 116-126, 2011.

SILVA, Raquel Azevedo. *As Construções de tópico no português falado no Libolo/Angola*. 2014. Projeto de Mestrado. – FFLCH/USP, São Paulo, [Digitado].